

O QUE MORRE NO VERÃO

TOM WRIGHT

O QUE MORRE NO VERÃO

Tradução de
PATRÍCIA XAVIER



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

MP, a primeira pessoa a acreditar

EXÍLIO

1 | Mães

Fiz o que fiz, e assumo-o. Mas para se encontrar sentido nesta história, é preciso dizer que L.A. tomou parte nela. Era assim com L.A. — ela nunca tentava mudar nada nem ninguém, mas nada daquilo em que tocava voltava a ser como antes, e isto aplica-se também a mim. Acho que era assim porque ela tinha tomates — não, não me estou a esquecer de que era uma rapariga — para tudo. Fazia o que tinha a fazer sem avisos, sem explicações, sem lhe importar que os outros percebessem ou não. A maneira como ficámos com ela é um exemplo perfeito do que acabo de dizer.

Tenho, supostamente, um toque da Visão, o ressurgimento atávico de uma característica que a avó diz ser frequente na sua família. No meu caso, é imprevisível e geralmente inútil, mas daquela vez foi fulminante, um raio quente atravessando-me a cabeça quando estávamos mesmo a acabar de lavar a louça do pequeno-almoço. Havia algo de errado no alpendre. Nada de perigoso ou assustador, pensei, apenas fora do normal. Enxuguei as mãos e fui até lá fora espreitar.

Era o primeiro sábado de fevereiro, o verão tão longe quanto podia estar, e Oak Cliff apenas começava a acordar sob um manto gelado que lembrava pó de diamante. Finas lâminas de sol laranja perfuravam as flores-de-merenda ao longo do caminho e caíam obliquamente sobre o relvado coberto de gelo e sobre o alpendre, rodeando L.A., que estava encostada à parede, braços em volta dos joelhos, amarfanhada no seu velho blusão de *comboy*. Tinha a cara tão branca que pareceria morta, não

fosse o nariz em carne viva. Tremia e balouçava-se e olhava ferozmente para lado nenhum, as nuvens pálidas da sua respiração atravessando as ripas de luz como sinais de fumo em miniatura.

Duas freiras de St. Mary, que tinham saído involuntariamente cedo por uma qualquer razão desconhecida, estavam paradas do outro lado da rua, e observavam-nos como uma dupla de detetives pinguins. Dada a sua tendência para aparecerem só nas alturas mais estranhas, não me surpreendi ao vê-las naquele momento, mas ainda assim fiquei um pouco abalado. A presença de testemunhas em circunstâncias ambíguas incomodava-me sempre, a não ser que tivesse uma história sólida debaixo da língua e, naquele instante, ainda estava a tentar alinhar uma explicação para o facto de L.A. se encontrar ali que excluísse claramente um envolvimento culposo da minha parte.

L.A. era a minha única prima. Era, na verdade, a única pessoa da minha idade com quem eu tinha uma relação de parentesco e, por isso, faltava-me um referencial de normalidade que me permitisse avaliar situações daquele tipo. O que eu sabia, e que aprendera à minha custa, era que não havia limite para os sarilhos em que podíamos estar metidos agora. Resumindo, para principiantes, eu não fazia ideia do que poderia ter levado L.A. a fugir de casa, mas o que primeiro me ocorreu foi que devia ter sido algum problema com os velhotes dela, a tia Rachel e o marido, Cam, que podiam ser bastante mauzinhos quando bebiam. O que, pensando bem, era a toda a hora.

Mas não percebi realmente o que se passava, e por aí se vê a diferença entre ser esperto e ser inteligente. O meu QI é, provavelmente, suficiente para fins gerais, mas a esperteza é uma coisa bem diferente. Ser esperto implica conseguir localizar o centro de gravidade de algo, encontrar o ponto de equilíbrio entre o seu significado e a sua importância, e era geralmente aí que eu metia os pés pelas mãos. Mas não era preciso ser-se um génio para perceber como aquela situação era anormal, e creio que mesmo naquele instante compreendi que L.A. nos levara a transpor uma fronteira à qual nunca regressaríamos.

Apesar de saber que com ela as coisas nunca poderiam ser assim tão fáceis, ainda olhei em redor à procura de uma pista que explicasse a sua presença ali, o carro da tia Rachel a dobrar a esquina, a bicicleta de L.A., marcas de pneus na neve. Mas, para além das freiras atentas

e das plumas que lhes saíam do nariz, nada havia para ver no bairro silencioso e reluzente.

Ajudei L.A. a levantar-se e levei-a para dentro de casa.

— Valha-me Deus — disse a avó, quando entrámos. Pousou o pano da louça no balcão e veio ter connosco.

— Deve estar lá fora há bastante tempo — disse eu. — Está a tremer dos pés à cabeça.

— Valha-me Deus Nosso Senhor — disse a avó, afastando com a mão o emaranhado escuro do cabelo de L.A. para lhe ver melhor os olhos. — Que foi, minha querida? Estás magoada?

L.A. continuava a tremer, sem dizer palavra.

A avó inspecionou-a com o seu olhar de mãe, perito em cortes, hematomas e ossos partidos.

— Estás gelada como uma rã, minha menina. — Examinou-lhe as pontas dos dedos e abanou a cabeça. — Mas não me parece que estasjas em hipotermia.

Foi buscar a manta azul, embrulhou L.A. e fê-la sentar-se à mesa da cozinha, na cadeira junto à janela, e pôs leite ao lume, para fazer chocolate quente. Fui ao armário buscar uma chávena e o saco de *marshmallows* e tirei uma colher da gaveta, L.A. vigiando os nossos movimentos de dentro do cobertor, como um animal noturno capturado.

Quando a avó lhe pousou o chocolate à frente, olhou-o durante um minuto, sem se mexer. Por fim, as suas mãos emergiram lentamente de entre as pregas do cobertor e ela pegou na chávena para dar um gole, voltando em seguida a pousá-la, sem se dar ao trabalho de limpar o bigode cremoso.

Acabou por parar de tremer, embora continuasse sem falar. Nunca fora de muitas palavras, mas agora estava muda como um túmulo. Para mim, a situação já tinha deixado de ser estranha e estava à beira de se tornar apavorante, L.A. a olhar-me fixamente com aqueles seus grandes olhos desvairados.

A avó, pelo contrário, era uma mulher normal, pelo que não tinha muito silêncio dentro de si. Pegou no telefone, ligou à tia Rachel, saltou o aquecimento e passou diretamente ao ataque, com termos como «imatura», «irresponsável», «egocêntrica», e outras ainda. Não me era difícil imaginar a tia Rachel do outro lado da linha — parecida com a minha mãe, mas um pouco mais alta, mais morena, mais bêbeda,

provavelmente com as suas habituais botas e as calças de ganga —, andando de um lado para o outro, a fumar e a passar a mão pelo cabelo enquanto gritava com a avó. Por muito cedo que fosse, se não estivesse já de copo na mão, não tardaria a ir buscar um vodka.

A avó passou à conclusão:

— Como sempre, Rachel, conseguiste fazer o pior de um mau negócio. Mas pelo menos a Lee Ann está em segurança connosco, e o mesmo não se podia dizer enquanto esteve ao teu cuidado.

Em virtude da sua inteligência excessiva e da sua educação ianque, a avó falava assim a toda a hora. O que mais me impressionava era a precisão com que as suas palavras nos prendiam, deixando-nos sem margem de manobra para nos defendermos. A tia Rachel também não tinha papas na língua, mas não chegava para a avó, muito menos se tivesse bebido, e quando a poeira finalmente assentou, não restavam dúvidas quanto ao veredito: L.A. era nossa.

A avó acreditava que a melhor estratégia contra o medo e a confusão era o contra-ataque, e o seu método consistia em concentrar-se no que tinha de ser feito em primeiro lugar, fazê-lo desse lá por onde desse, depois passar à tarefa seguinte, e assim sucessivamente. Agora que L.A. estava mais ou menos calma, e uma vez que ficaria connosco, a primeira coisa a fazer era ir buscar a sua roupa e outros dos seus pertences a casa da tia Rachel, incluindo a cadela *Jazzy*, uma pequena bola de pelo emaranhado com olhos de inseto que a avó tratava por «amstrá». Mas L.A. recusou-se a ir connosco, abanando a cabeça energicamente quando a avó tentou convencê-la, fazendo-lhe ver (com todo o bom senso, na minha opinião) que só ela saberia exatamente o que trazer.

— Vamos lá, L.A., não há problema — disse-lhe eu.

Ela limitou-se a recuar, um olho no corredor, traçando a sua linha de retirada.

— Bem, não vale a pena — disse a avó, agarrando na mala de mão.

Carregámos tudo o que trouxemos de casa da tia Rachel no *Roadmaster*. L.A. animou-se um pouco ao ver-me sair do carro com *Jazzy* debaixo do braço, e correu para ma tirar mal nos viu aparecer junto às cameleiras da entrada.

Eu e a avó arrastámos os sacos para o que antes fora o quarto de costura, onde havia uma cama livre. Durante as arrumações, a avó explicou que em tempos antigos, na China, os cães como *Jazy* eram oficialmente designados como gatos, para poderem entrar na Cidade Proibida, onde supostamente só os gatos eram admitidos.

Como muito do que a avó dizia, este comentário teve o efeito peculiar de me encher a cabeça de ideias estranhas e novas perspectivas sobre as coisas, parecendo, ainda assim, deixar-me mais ignorante do que nunca. Não percebi, por exemplo, como podia um lugar ser chamado de cidade se ninguém lá podia ir. Ou, pelo menos, ninguém a não ser gatos e cães bizarros disfarçados. Mas talvez não fosse realmente proibido entrar naquele lugar — talvez a cidade, em si, fosse de algum modo interdita por ter sido construída contra as ordens das autoridades ou com materiais ilegais. Queria mais informação sobre o assunto, mas não fiz perguntas à avó, pela mesma razão por que não se rebenta um dique só porque se quer um copo de água.

Depois de procurarmos um pouco, encontrámos uma mesa de cabeceira e uma cómoda, e uns cortinados de renda velhos mas com bom aspeto para a janela. Lençóis lavados na cama, uns enfeites aqui e ali e, num abrir e fechar de olhos, ali estava um quarto de rapariga.

A avó empertigou-se contra o desconhecido, pôs as mãos nas ancas e declarou:

— Pronto. — Facto consumado. Qualquer que fosse a razão de L.A. estar ali, isto tornava a situação oficial. Para o que desse e viesse, agora éramos uma família de três.

2 | Ajustamentos

Não quero, todavia, dar a impressão de que tudo ficou instantaneamente no devido lugar, porque não foi isso que aconteceu. L.A. não voltou a ser exatamente a mesma, e eu precisei de aprender algumas coisas, como a ter, mais do que nunca, o cuidado de não lhe tocar quando ela estava distraída. Em troca, ela habituou-se a não fazer movimentos bruscos na periferia da minha visão. Já ficam com uma ideia de como passámos aqueles primeiros dias.

Entretanto, comecei a aceitar a possibilidade de L.A. não voltar a falar, sentindo até um estranho orgulho na minha capacidade de lidar com a ideia. Não devia haver muitos tipos capazes sequer de assimilar o conceito de uma rapariga muda, quanto mais de se sentirem confortáveis junto dela.

Mas depois Dee Champion falou-lhe ao ouvido.

Dee era um amigo nosso, um daqueles miúdos que estão sempre por perto mas que nunca têm muito a dizer e que parecem nunca estar bem por dentro das coisas. Naquele tempo, eu não compreendia o quanto tinha em comum com Dee e, por vezes, não sabia que papel havia de lhe dar. A avó considerava-o um «rapaz delicado», algo que nunca a ouvi dizer de mais ninguém. Era um artista. A sua especialidade eram as aguarelas, coisas como maçãs, cebolas e copos de vinho, e pintava-os tão bem que o seu trabalho me parecia pura magia. Era magro e louro e parecia captar mais luz do que as outras pessoas, o que lhe dava um aspeto fora do comum, talvez um pouco trágico,

como um santo ou um poeta condenado. Tinha algo de especial, e o que quer que isso fosse fazia-me sentir como um urso numa festa elegante, sempre que me encontrava perto dele.

Além do mais, nunca estávamos totalmente de acordo em relação a nada, pelo que até ver televisão com ele podia ser uma espécie de desafio. Dee era sempre educado na maneira de dizer as coisas, mas dava para perceber que não ligava a desporto, tal como eu não tinha paciência para romances, relacionamentos e outras provações femininas. Se uma vez por outra conseguia convencê-lo a ver um jogo comigo, Dee ignorava os pontos e os ajustamentos no diamante, e punha-se a especular sobre o modo como as cores da equipa combinavam com a personalidade de um dado jogador ou fazia suposições quanto à relação desse tipo com o pai, baseando-se na sua média de batimentos.

Mas embora Dee não fosse rapaz a quem se oferecesse uma passa ou com quem se fosse bater umas bolas, havia nele algo de agradável, e eu considerava-o um tipo basicamente porreiro. Na verdade, era um dos raros iniciados no segredo dos sobrenaturais bolos de passas que a avó fazia mensalmente e, naquele mês, quando chegou o dia, Dee apareceu lá por casa.

Mas aquele dia de bolos de passas foi diferente de todos os outros, porque depois de umas trincadelas educadas e de alguma conversa de circunstância comigo e com a avó, Dee levantou-se e, discretamente, dirigiu-se ao cadeirão verde onde L.A. estava sentada, no seu habitual silêncio de pedra. L.A. não comia bolinhos. Limitava-se a olhar mais ou menos na direção da televisão, como se a um quilómetro de distância, como se o resto do mundo não existisse. Dee curvou-se, encostou os lábios ao ouvido de L.A., e murmurou-lhe algo que durou aproximadamente o tempo do Juramento de Fidelidade. Quando terminou, olharam-se por dois instantes e depois ele tocou-lhe ao de leve no braço, voltou para o seu lugar à mesa e tirou mais um biscoito do prato.

Por muito que quisesse descobrir o que Dee lhe segredara, percebi que nunca o saberia, reconhecendo ali uma daquelas pequenas pontas soltas que o universo constantemente fazia balouçar diante de mim, especialmente no que se referia a L.A. Tomei a única atitude sensata possível, dizendo para comigo que também não devia ser nada de importante, e atirei o sucedido para o caixote de lixo mental onde guardava perguntas como qual o sexo dos anjos.

Mas na noite seguinte, quando estava a estudar para o teste de História dos EUA, folheando as páginas sem encontrar o que procurava, disse, mais ou menos para comigo:

— Mas que raio é o Pacto do Missouri?

E, sem erguer os olhos, L.A. respondeu:

— O Missouri irriga, o Kansas seca.

Só me faltou dar um salto. Olhei-a em silêncio, à espera de mais alguma palavra, mas nesse dia L.A. não teve mais nada a dizer. Ainda assim, pareceu-me um enorme progresso. E, com efeito, na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, pediu-me espontaneamente que lhe passasse o leite e, ao fim do dia, já voltara a falar, não exatamente a cem à hora, mas quase tanto quanto era normal para ela.

Desde que me lembrava, a tia Rachel nunca parara em casa mais do que algumas horas seguidas, pelo que precisava constantemente de alguém que lhe tomasse conta da filha. E como a avó nunca se recusava a tomar conta de L.A., e como o fazia de graça, ela passava muitas vezes a noite na nossa casa, quando eu ainda lá morava, ou, mais tarde, na casa da avó. Assim, embora tanto eu como L.A. fôssemos, tecnicamente, filhos únicos, estávamos habituados à companhia um do outro e, agora que não tínhamos outro lugar onde cair, fizemos o que foi preciso para nos entendermos, incluindo arranjar um horário matinal para a casa de banho e dividir as tarefas de forma mais ou menos igualitária. Não lhe chamaria coabitação harmoniosa, mas conseguimos chegar a uma espécie de bloqueio mútuo na maioria dos pontos.

A certa altura, a avó começou a falar seriamente de L.A. voltar à escola.

— Não temos outra opção, minha querida — disse, naquele tom com que se referia às leis da natureza.

Todavia, L.A. abanou a cabeça e emudeceu novamente. Era o primeiro confronto sério entre as duas, e levou-me a perguntar-me se a polícia dos baldas existiria na realidade ou se seria apenas mais uma invenção parental, como a fada dos dentes. Nunca vira nenhum desses polícias nem ouvira relatos de testemunhas fidedignas, e perguntava-me como seria o seu uniforme, se trariam algemas e bastões em tamanho pequeno e se viriam em pequenas carrinhas pintadas de cores alegres.

Mas não fiquei realmente preocupado, pois conhecia a vontade de ferro da avó e o seu inabalável empenho na educação. Havia também o simples facto de L.A. ser rapariga, com toda a inteligência diabólica e dissimulada que tal implica, para além de toda a sua reputação no que tocava a deslumbrar professores e a exhibir-se nas aulas. Por outras palavras, a escola era o seu habitat, e eu sabia que ela havia de regressar.

Como não podia deixar de ser, em menos de uma semana, L.A. ce-deu, saindo do seu quarto às sete e meia da manhã, já vestida, mesmo quando eu ia a sair de casa. Pusemo-nos a caminho de Lipscomb como se nada se tivesse passado, e assim terminou a greve educacional da minha prima. Isto devolveu-nos um certo grau de regularidade na casa da avó e, quando o ano letivo chegou ao fim, já eu e L.A. tínhamos voltado à rotina, e corríamos a cidade como sempre havíamos feito, como se as ruas nos pertencessem, como se o verão fosse só para nós.

Assim se prova quão falível é a minha suposta Visão, que nada me mostrou do que estava para vir. Perguntei-me mil vezes como teriam corrido as coisas se eu tivesse visto pelo menos um sinal de alerta quanto ao que ia acontecer, e quanto ao que eu próprio faria, antes de aquele verão terminar.

3 | Histórias antigas

Surpreendeu-me um pouco que a avó estivesse disposta a deixar-nos à solta.

— Precisam ambos de vadiar — declarou.

Tanto quanto percebi, se nos mantivéssemos longe de sarilhos de vulto e aparecêssemos em casa por volta da hora de jantar, estávamos inocentes. Havia muito tempo que eu morava com a avó (desde os primeiros anos do liceu, na verdade), por isso, sabia o que ela considerava sarilhos de vulto e conseguia manter-me afastado da maioria deles. Já para L.A., esta última parte podia tornar-se difícil, mas, sendo a sua relação com o desastre tão misteriosa e imprevisível que era inútil pensar nisso, decidi deixar o problema ao critério do universo e tirá-lo da minha cabeça.

Naquele dia estávamos a caminho de Beauchamp's Liquors, que ficava na Lancaster, para jogarmos à bola e, talvez, treinar umas linhas de passe, e encontrávamo-nos na nossa penúltima paragem, nas traseiras da velha casa Keogh, sob os grandes carvalhos e as noqueiras-peças do outro lado de Herndon Park. L.A. estava apoiada nas mãos e nos joelhos, a espreitar para debaixo da casa.

— Aqui, *Fangbaby* — disse, dando um estalido suave com a língua. Fazia tanto calor que quase se podia fritar carne no chão, mas ali, na sombra cerrada junto à esquina da casa, corria uma brisa e estava quase fresco. Do outro lado da rua vinha o gorjeio de codorniz de um balouço no parque e, por um segundo, senti o cheiro a sapato velho do

espaço sob a casa. Tinha a bola de futebol debaixo do braço e observava L.A.

— Ouvi qualquer coisa — sussurrou, levando a mão ao bolso das calças de ganga, onde guardara moelas de frango embrulhadas em papel de alumínio.

Para além do balouço, a única coisa que eu ouvia era o piar de um cardeal, algures no bosque atrás de nós.

— Deve ser uma ratazana — respondi.

Mas depois *Fangbaby* materializou-se no escuro e avançou lentamente: nariz rosado, grandes bigodes revirados e olhos de um verde brilhante, atentos às mãos de L.A. Impossível confundi-la com qualquer outro gato. *Fangbaby* tinha a cabeça e o pescoço brancos, riscas cor de laranja no resto do corpo e apenas três pernas, como se alguém a tivesse feito à última da hora juntando várias sobras. Era aquilo que a avó chamava «selvagem», querendo dizer que tudo a assustava. Certa vez quase fora devorada por um par de cães de caça de Alabama Street antes que eu conseguisse afastá-los ao pontapé, e agora não conseguia caçar para se alimentar.

Tentando vigiar L.A. e as moelas ao mesmo tempo, cheirou a comida meticulosamente, à maneira dos gatos, como se ainda não estivesse completamente decidida, depois segurou-a entre os dentes e recuou, saltitando, para debaixo da casa do senhor Keogh, onde se voltou para nos ver afastar.

— Aposto que em breve ela me deixa tocar-lhe — disse L.A., quando nos esgueirávamos por entre a sebe para voltarmos ao passeio. Aquela parte de Elmore estava pavimentada com cimento que já vira melhores dias, as fendas remendadas com gordas minhocas de alcatrão sujo que dividiam a superfície num mapa misterioso de um qualquer mundo quente e desconhecido. Olhei o céu riscado por nuvens altas e vi um avião turbo-hélice que descia, rugindo, na direção de Love Field, sobrevoando Trinity. Perguntei-me quem lá estaria, de onde viriam e qual seria a sensação de voar para longe.

— Levas uma dentada que até fazes nas calças — disse-lhe, atirando a bola ao ar com uma mão e apanhando-a com a outra, sem realmente acreditar nas minhas palavras. Os gatos selvagens não são para brincadeiras, é certo, mas a magia de L.A. com os animais não era de desprezar.

— Veremos — disse ela. Desembrulhou um chupa-chupa, enfiou-o na boca e atirou-me o papel amachucado. Encaminhámo-nos para o Beauchamp's, um caixote amarelo de um só piso, junto a um grande terreno baldio onde costumávamos treinar.

Um velho *Fairlane* verde de duas portas, com as janelas abertas até baixo, encontrava-se meio escondido sob as grandes folhas da árvore-das-trombetas, nas traseiras do bar. Do espelho retrovisor pendia uma pequena cabeça com cabelo emaranhado e lábios cosidos, lembrando um fruto apodrecido.

Tal queria dizer que a nossa amiga Froggy, a dona do bar, se encontrava por ali.

Lá dentro estava fresco e sombrio, pairava no ar um odor fumarento a uísque entornado, e anúncios de cerveja em néon de várias cores brilhavam como luas alienígenas. Froggy estava empoleirada no seu banco junto à caixa registadora, onde passava o dia, a fumar *Chesterfields* e a observar os clientes com aqueles seus arrepiantes olhos salientes.

— Olá, Froggy — cumprimentou-a L.A.

— Escaravelho! — coaxou Froggy. — Jaspe! Entrem, entrem, e vão buscar umas *Royal Crowns*. Há muitas no frigorífico.

Não se apercebendo, provavelmente, de que ficaríamos de boa vontade mesmo que não nos oferecesse nada, Froggy costumava subornar-nos com refrigerantes ou pickles de ovos ou salsichas fritas para a ouvirmos falar sobre festas de três dias e tiros no escuro e rebeldes famosos que ela conhecera, como Meyer Lansky e Ava Gardner e Ernest Hemingway. Usava tantas palavras diferentes como a avó, mas as suas eram mais rápidas e mais nervosas, explodindo como fogo de artifício nas suas histórias.

L.A. foi até ao frigorífico, voltou com duas latas de RC e passou-me uma. Quando aparecíamos mais tarde, conseguíamos que Froggy nos desse uma cerveja, se estivesse de bom humor e tivesse um pacote de seis aberto no frigorífico, mas calculei que o Sol ainda devia estar demasiado alto para isso. A avó não queria que parássemos no Beauchamp's, mas eu e L.A. gostávamos daquele lugar e também de Froggy, que nos levava a sério e parecia sempre radiante de falar connosco. Levávamos-lhe as garrafas com depósito que encontrávamos, porque

nos divertia o modo como ela baralhava sempre as contas e discutia connosco, querendo dar-nos mais um dólar do que tínhamos a haver. Também fingia não reparar nos cigarros que uma vez por outra lhe surripiávamos do maço.

— Que andam estas duas personagens suspeitas a tramar hoje? — perguntou. O seu cabelo era como palha-d’ação cor de laranja e os seus pequenos dedos tortos exibiam anéis pesados e brilhantes. Usava as unhas compridas e pintadas de vermelho-vivo.

— Linhas de passe — respondi, e dei um gole no meu refrigerante. Reparei num homem que avançava por entre as mesas, atrás de nós. Usava uma camisola de manga à cava dos Celtics e tinha uma barriga côncava e umas grandes mãos brancas, ossudas, com sardas nas costas. Olhava para todos os tipos de bebidas, como se não conseguisse decidir se era homem de uísque ou de gim. Talvez achasse que não se notava quando alguém estava à espera de uma oportunidade para roubar. Tomei-o por um mendigo, ou talvez por um «temporário», como diria a avó (um branco desempregado, resumindo), mas não me pareceu muito velho para mendigo, com os seus ténis e o boné de baseball com a pala para trás. Tinha um grande buraco onde deviam estar os dentes incisivos superiores e, apesar do bigode e da maçã de Adão pontiaguda e da barba por fazer, algo nele me fez lembrar o miúdo da capa da revista *Mad*.

Froggy descolara para uma história sobre um ex-marido seu de orelhas peludas.

— Não sabia que tinhas sido casada, Froggy — disse L.A.

— Ora essa, Escaravelho, casei com tudo o que havia de homem burro e fracassado no Texas — disse Froggy. — E deixei-os secos como cabaças! — Cacarejou até lhe dar um longo ataque de tosse.

Mal recuperou, deu outra passa no cigarro, e então, subitamente, o seu olhar endureceu, ao pousar no tipo que se aproximava de nós. Voltei-me a tempo de o ver erguer os braços em sinal de rendição e desaparecer pelas traseiras do bar. L.A. também o viu, e percebi que ela estava a ter um dos seus pensamentos misteriosos, mas não havia maneira de saber o quê. Pelo menos, naquele momento.

O que senti foi que algo importante, algo que eu próprio não conseguia ver, acabara de acontecer, e que estávamos muito longe de nos livrarmos daquele tipo.

4 | Treino

Depois de terminarmos as nossas bebidas e de ouvirmos Froggy contar como apanhara um dos maridos (o tipo das orelhas peludas que aparecia em muitas das suas histórias) na cama com a sua manicura, e como lhe fizera saltar um polegar com um tiro de revólver («Não era exatamente no dedo que eu lhe queria acertar!»), saímos para a luz ofuscante da tarde.

Quando os nossos olhos se ajustaram à claridade, posicionámo-nos ao fundo do terreno baldio, ficando eu como *quarterback* e L.A. como flanker, correndo segundo a minha contagem e jogando como jogava tudo, como se a sua vida e o destino da galáxia disso dependessem. Acabava de se deter por causa de um mau lançamento, quando o tipo que tínhamos visto lá dentro dobrou a esquina, vindo da frente da loja, e parou, sorrindo ao avistar-nos. Deixou-se ficar ao sol durante algum tempo, parecendo nem o sentir, a fumar e a olhar para nós como se não precisasse de ir a lado nenhum.

E, naturalmente, agora que tínhamos público, eu e L.A. começámos a esforçar-nos um pouco mais, apesar do calor. Foi um daqueles momentos em que tudo parece sincronizado. Eu imprimia toda a minha energia na bola e L.A., ainda com o chupa-chupa na boca, apanhava a velha *Wilson* em ângulos impossíveis. Quando insisti demasiado numa linha de passe, ela mergulhou e conseguiu apanhar a bola ainda assim, rolando ao cair no chão e levantando-se com ela nas mãos. O tipo enfiou um *Camel* entre os lábios e aplaudiu lentamente

quando L.A. ergueu os braços para os seus fãs imaginários e se pôs aos saltos, numa dança de vitória. Tinha um cotovelo em carne viva, mas havia de se esvaír em sangue antes de mostrar algum sinal de dor a quem quer que fosse, quanto mais àquele tipo.

— Com mil raios, vocês são incríveis — disse ele. — Achrom que podiam atirar-me uma dessas balas?

Olhei-o por um instante.

— Claro — disse-lhe, depois. — Podes correr uma trajetória.

— Uma trajetória — anuiu; tirou o maço de cigarros da cintura das calças de ganga e enfiou-o numa meia. — Está certo, parceiro. — Inclinou-se sobre a linha de *scrimmage*, deixando pender o braço e sacudindo os dedos para os descontrair, como um verdadeiro *wide-out*.

— Quando eu disser «dois» — avisei. Olhando as linhas defensivas, gritei: — *Hut!* Dois! — E lancei a bola. O tipo curvou-se, voltou-se para a esquerda uma vez e depois ligou o turbo, exibindo uma velocidade impressionante para adulto. Ao fim de uma dúzia de passos, olhou para trás, cigarro ainda na boca, e, quando eu larguei a bola, ele viu-a subir, em espiral, depois corrigiu ligeiramente a sua rota, pôs-se debaixo da bola e apanhou-a nos braços uns trinta metros mais à frente.

— Iii-haaaa! — gritou, emproado como um galo, ao regressar ao banco.

— Onde aprendeu a jogar? — perguntei-lhe.

— Universidade de Cornhole — disse, cuspidando para o lado. — Para os lados de Huntsville.

Fizemos mais algumas jogadas e o tipo só deixou cair uma bola. Parecia satisfeito consigo.

— Que me dizem a mais umas jogadas? — perguntou. — Para vermos se ainda aqui temos um extremo ou não?

— Vamos a isso — prontifiquei-me. L.A. baixou os olhos por um segundo e depois anuiu, sacudindo a poeira das suas *Levi's*.

— Atenção a todos, aqui Niggers-Go-Long. Bem à direita — disse, lançando um olhar severo a cada um de nós. — Estamos a tratar de ir *downtown*.

Posicionámo-nos à sua direita.

— Preparar! — gritou, e depois: — *Hut! Hut!* — E atirou a bola. Corremos a abrir. Voltei-me ligeiramente para fora, numa de exibição, dando a L.A. um pequeno avanço que lhe permitisse vencer-me. O tipo deu o seu melhor, soltando um ronco ao lançar a bola. Correndo com quantas forças tinha, L.A. agarrou a bola com as pontas dos dedos e puxou-a para o chão mesmo no limite do campo, à beira do passeio.

— Ora, Passeio da Fama, caramba! — gritou o tipo.

L.A. regressou com a bola, franzindo o nariz. Voltámos a posicionar-nos e apanhei os passes seguintes. Continuámos a treinar até estarmos os três sem fôlego e cobertos de suor.

— Que porra impressionante! — exclamou o tipo. — Caramba, foi fantástico! — Atravessou o campo na diagonal até junto de mim, atirou o cigarro para o chão e espezinhou-o sobre a gravilha com a ponta de um sapato. Passou o polegar pela testa, limpando umas quantas gotas de suor. — E, afinal, como é que te chamas, amigo?

— James.

— É mais Biscoito — disse L.A., da grade de leite onde se sentara, encostada à parede, a atar um dos ténis. Era assim que o meu pai me tratava, porque dizia que quando eu era pequeno fazia qualquer coisa por um biscoito e, desde então, L.A. adquirira um prazer malicioso em chamar-me o mesmo, de tal modo que eu já nem gastava energia a resistir. Concentrada nos atacadores, nem levantou a cabeça.

— Ora, raios me partam, Coronel Biscoito-de-Cão, presumo — um rápido aceno da mão esquerda. — Peço permissão para me dirigir ao coronel como «Biscoito».

— À vontade.

— O meu nome é Earl. Earl Brasa, a Pérola dos Brancos.

Apertámos as mãos. L.A. parecia não estar interessada.

— De onde és, Homem-Biscoito?

— Jacksboro.

— Jacksboro. Muito bem. Uma boa cidade. — Fez a língua deslizar junto ao bigode, ainda um pouco ofegante e com um ar pensativo. — Então e a menina Doçura, anda contigo?

— Sim, senhor — disse, só depois me apercebendo de que não respondera à pergunta no sentido em que ele a fizera. Pelo canto do olho, vi L.A. a passar os dedos pela costura da bola, sobrolho franzido.